Negócio promissor

A estrutiocultura é economicamente viável mesmo para o pequeno criador, que pode atingir boas margens

ARNALDO ADASZ



A culinária sul-africana é fantástica, rica em sabores e variedades, fruto do encontro da cozinha européia com a cultura nativa. Um de seus pratos mais populares é o *biltong*, de carne vermelha seca e salgada, preferencialmente de avestruz. Enquanto na Europa é moda comer carne de avestruz e no Brasil uma franca novidade, na África do Sul essa é uma tradição milenar.

Os avestruzes fazem parte da economia humana há muito tempo. No fim da Idade Média as cortes européias começaram a utilizar plumas de avestruz como adorno, o que logo se tornou uma atividade econômica complementar, embora não efetivamente relevante. Alguns, mais endinheirados, compravam plumas, o que dava motivo para que aventureiros caçassem avestruzes.

No início do século XX, o interesse pelas plumas de avestruz levou essas aves praticamente à extinção: no planeta inteiro restaram pouco mais de mil cabeças, quase todas selvagens. Na África do Sul começaram a se organizar criatórios, logo em seguida uma cooperativa e em pouco tempo havia uma indústria criando, comercializando e promovendo não somente as plumas, mas também a carne, o couro e até os ovos. Durante a maior parte do século passado, no entanto, a atividade ficou restrita à África do Sul, até que os europeus entenderam que, além de comprar os produtos sul-africanos, poderiam criar as aves. A criação se estabeleceu na Espanha, França. Bélgica, Israel. Os EUA, Canadá e a Austrália logo passaram também a se interessar pela atividade.

Há alguns anos, canadenses tentaram incutir nos brasileiros a idéia de criar avestruzes e ofereciam ovos férteis a US$1 mil cada. Naquela época os poucos avestruzes que tínhamos estavam em zoológicos. Pouco depois começaram as primeiras importações para o Nordeste brasileiro, e quando um pioneiro paulista importou um lote dessas aves teve seu rebanho sacrificado sob a alegação de contaminação por *new-castle*. A alegação era infundada, mas o importador ficou com o prejuízo.

Em pouco tempo cristalizou-se a idéia de que o avestruz significava dinheiro. Havia então duas tendências: parte do mercado prometia margens de lucro exorbitantes, e simplesmente vendia o que podia e até o que não podia entregar, enquanto outra parte começou a se dedicar à especialização na criação, adequando instalações e pessoal, rações e medicamentos, desenvolvendo soluções – enfim, enraizando a estrutiocultura em solo brasileiro. Em ambas as vertentes, nossa história copiou a estrutiocultura norte-americana.

Quem seguiu a primeira tendência teve e gerou grandes prejuízos, e quem seguiu a segunda está se preparando

para competir no mercado internacional. A primeira linha foi apenas especulativa, enquanto na segunda se aglutinaram os mais empreendedores.

Brasil, século XXI: as montadoras automobilísticas adquirem na Europa roletes revestidos com penas de avestruz, com a finalidade de efetuar a última limpeza antes da aplicação do tratamento para pintura das carrocerias. Os europeus montam esses roletes com penas adquiridas na África do Sul, pagando mais de R$300,00/kg do material. Mais um sinal de que os produtos de avestruz começam a se tornar indispensáveis na vida moderna.

Custos e valores

Um casal adulto consome algo em torno de 3kg de ração balanceada por dia, mais 5kg de pasto picado servido no coxo, mais 20 litros de água potável. Em um projeto que produza sua própria ração, com um número razoável de casais reprodutores, isso significa R$2,00 por dia/casal, ou R$730,00 por ano. Cada casal produzirá nas condições ideais (Nordeste brasileiro) uma média de 40 ovos, a um custo de R$18,25/ovo, ou seja, cerca de 30% mais barato do que na África do Sul ou Austrália. Cada avestruzinho terá um custo final de em média R$347,20, criado dentro das mesmas condições de zero a 14 meses de idade, pronto para abate (50% de aproveitamento a partir do ovo ou 20 filhotes por fêmea). Ainda que inicialmente seja menor o consumo de ração, o cuidado e as instalações para a criação dos filhotes nos primeiros meses exigem investimentos diferenciados.

Cada fêmea põe 40 ovos. Logo, 250 fêmeas produzem 10 mil ovos. Considerando a taxa de fertilidade dos ovos, a taxa de nascimento e a de mortalidade (nos primeiros dias de vida da ave), teremos um aproveitamento final de pelo menos 50%, ou 5 mil filhotes para abate por ano. Em um criatório onde a estrutura e o nível técnico sejam ótimos, o aproveitamento tende a melhorar, com maior postura e menores perdas.

O mercado de consumo brasileiro só nascerá quando tivermos os produtos disponíveis, mas não podemos contar com isso para sustentar nossa atividade. O custo anual de criação de 250 casais reprodutores e 5 mil filhotes para abate está na tabela 1. Esses custos e valores no entanto exigem boa estrutura – piquetes, incubadora, criatório, fábrica da ração, abatedouro, câmara frigorífica – além de pessoal treinado nas diversas atividades do dia-a-dia. A estrutiocultura é economicamente viável mesmo para o pequeno criador, e é possível atingir as boas margens mencionadas na tabela 2.

Vender os produtos não é problema: somente a Europa demanda centenas de toneladas de carne todos os meses. Mas vivemos um impasse no Brasil, pois os investidores querem ver a atividade-fim em funcionamento antes de se engajarem nela. E os que se dedicam à produção ainda não têm meios de baixar os custos até que o produto se popularize. Por vezes alguém se dispõe a criar 500 cabeças, mas esquece que em breve vai ter que arcar com os custos de criação de mais de 5 mil filhotes por ano. Sem planejamento, cria-se a necessidade repentina de vender ovos frescos, incubados, ou filhotes de tenra idade.

Os problemas podem ser contornados facilmente através de cooperativismo. Já temos uma excelente cooperativa de incubação no Brasil. Podemos ter cooperativas de poedeiras, gerando ovos fertilizados. Ao redor dessas cooperativas, sítios de pequenos criadores para produzir aves de abate. Temos condições técnicas, econômicas e sociais perfeitas para nos tornarmos o maior produtor mundial de avestruzes e seus produtos.

Em vez de utilizar preços internacionais, devemos levar em conta nossos custos – muito menores do que os do resto do planeta – para construir o preço de venda de nossos produtos e estabelecer em território nacional as bases de uma pecuária que vai fazer a diferença.

1. Avestruz: custo anual de criação

R$ mil

Nº de cabeças	Descrição	Custo
500	Aves adultas para reprodução	182,5
5 mil	Aves para abate, a partir de 10 mil ovos	1.553,5
	Custo anual do projeto (inclui alimentação, mão-de-obra de tratadores técnicos e veterinários, estrutura e medicação)	1.736

2. Avestruz: receita anual

Com base em preços praticados na Europa (compra)

R$ mil

	Itens	Valores
5 mil peças	Couro salgado para ser curtido	3.100
175t	Carne de 1ª e 2ª mais miúdos	6.510
5,5t	Penas e plumas	1.705
Receita bruta		11.315
Receita líquida*		9.579

*Estimativa.

Montadoras de automóveis importam da Europa roletes revestidos com penas de avestruz para a limpeza antes de pintar carrocerias. As penas vêm da África do Sul e custam mais de R$300,00/kg.

arnaldo@moradadoavestruz.com.br